



REDATOR PRINCIPAL
ALEXANDRE VIEIRA
Propriedade da Confederação Geral do Trabalho
EDITOR — JOAQUIM CARDOSO

Redacção, administração e tipografia, Calçada do Combro, 38-A, 2.º
Lisboa — PORTUGAL
Endereço telegráfico: *Tatoba-Lisboa* • Telefone 5339 C.
Oficinas de impressão — Rua da Atalaia, 114 e 116

A BATALHA

DIÁRIO DA MANHÃ — PORTA-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA

FOI PROCLAMADA A NOITE PASSADA

A GREVE DOS TRABALHADORES DOS JORNais

As empresas jornalísticas que constituem o bloco enviaram para os seus órgãos um escrito insidioso que os trabalhadores dos jornais consideram uma provocação ::

Foi abandonado o trabalho por jornalistas, compositores e distribuidores de jornais

Conforme noticiámos, reuniram no domingo, na sede da Associação de Classe dos Caixeiros, os trabalhadores dos jornais, assim de resolverem o caminho a seguir em face da resposta enviada pelas empresas jornalísticas às reclamações que lhes foram presentes em nome das Associações dos Trabalhadores da Imprensa, Compositores e Distribuidores de Jornais.

A resposta das empresas, lida à assembleia por um dos membros da comissão executiva, era assim concebida:

Ex-mos srs. Lutero de Moraes, António Santos, Manuel Maria Neves, Perfeito de Carvalho. — Em resposta às reclamações que constam de duas folhas impressas, entregues às Empresas Jornalísticas de Lisboa em 17 de Dezembro de 1920, e por incumbência das Direções dos jornais abaixo mencionados, temos a honra de comunicar a v. ex.º que por motivos óbvios não podem essas reclamações ser satisfeitas.

Pelas Direcções da *Vitória*, *Manhã*, *Luta*, *Época*, *Diário de Notícias* (2 edições), *Novidades*, *Correio da Manhã*, *Mundo*, *República*, *Século*, *Capital*, *Pátria*, *Situação*, *Noite*, *Opinião* e *Vanguarda* — A comissão eleita, *Eduardo de Noronha* (presidente), *F. Mira*, *Hermano Neves*.

Este documento, escrito em papel de 24 linhas, com a parte superior para baixo, e sem data, o que denota pouca tranquilidade da parte de quem o escreveu, é uma resposta assaz incorreta e como tal a considerou não só a comissão executiva, mas também a assembleia, que indignadamente se manifestou ao conhecê-la.

Depois de vários componentes da assembleia: jornalistas, distribuidores de jornais e compositores, terem usado da palavra, foi aprovada uma moção, assinada por representantes das três classes, em que se votava a greve em princípio e se davam poderes à comissão executiva para a efectuar quando o julgasse conveniente.

Supuseram as empresas jornalísticas, representadas por uma comissão cujo presidente há de pertencer, ao que parece, a um jornal que possivelmente sairá daí a alguns dias ou a alguns meses, que os trabalhadores dos jornais proclamariam a greve hoje mesmo, quando é certo que da parte dos nossos camaradas não havia tal propósito.

O facto, porém, é que as empresas jornalísticas, pelo seu procedimento desleal, anteciparam de alguns dias a eclosão da greve, que poderia ter sido evitada se da parte delas houvesse o sincero desejo de chegar a um acordo. Que semelhante intuito não animava as empresas jornalísticas prova-o o facto de se terem elas colocado num pé de desafio intransigência, não oferecendo sequer ensejo a que os delegados de ambas as partes podessem discutir e, por mútuas transigências, arredar o conflito.

A greve foi proclamada na noite passada

É evidente que os mentores das empresas — que não são precisamente os jornalistas que constituem a comissão que firma o ofício que acima se reproduz, mas outros homens de jornais que por razões várias se ocultam — é evidente que os mentores das empresas, iamos dizendo, estavam apostados em lançar os trabalhadores dos jornais na greve imediata. E foi-lhes fácil conseguilo.

Conto! Envando para os jornais da manhã que constituem o seu bloco o seguinte escrito:

Tendo sido antecionem, numa assembleia de Trabalhadores da Imprensa, liberalizada em princípio a greve contra os jornais que actualmente se publicam nesta cidade, as empresas jornalísticas a capital resolveram tornar conhecida a seguinte declaração, que foi votada numa reunião das mesmas empresas, realizada em 31 de Janeiro último:

Pela Federação do Livro e do Jornal foi enviada às Empresas Jornalísticas de Lisboa, com data de 17 de Dezembro último, uma exposição em que se comprehendiam e patrocinam as reclamações feitas pelos chamados Sindicatos dos Trabalhadores da Imprensa, Compositores Tipográficos e Distribuidores de Jornais.

Dessas reclamações umas, como do documento aludido consta, são de ordem material, sendo destas a mais importante a que fixa, para aumento de vencimentos, percentagens que vão desde 115 até 130 por cento; outras são de ordem moral e representam uma ouzada e perigosa invasão das atribuições dos jornais; — tal é a que pretende que nenhum empregado seja despedido «sem justa causa», pois pressupõe a pretensão dos empregados de se inscreverem na apreciação da justiça que fundamenta a causa invocada para o despedimento.

Sem querermos entrar numa detida apreciação das reclamações de que se trata, frisaremos, contudo, o facto de se haverem reñido sob o patrocínio da Federação do Livro e do Jornal classes que enre si nada tem de comum no ponto de vista dos seus interesses pecuniários e condições de trabalho, como sejam a dos redactores, editores, distribuidores de jornais. Tal facto dá, manifestamente, às reclamações assim apresentadas em conjunto um aparato de comunhão e solidariedade com que certamente se pretende intimidar as Empresas Jornalísticas e de algum modo forçá-las a capitular.

Mas, como derivado desse mesmo facto, um outro ponto, que reputamos de maior importância, convém que muito particularmente seja tomado em consideração.

República, António Granjo; *Novidades*, *Eduardo de Noronha*; *Correio da Manhã*, *Antônio Soares*.

Logo que o original deste aleivoso documento — que amanhã apreciaremos — chegou às redacções dos jornais, o respectivo pessoal, quer jornalístico, quer tipográfico, manifestou a sua viva indignação contra tan baixo processo de combate, tendo partido emissários imediatamente para junto da comissão executiva, que verificando as excelentes disposições de espírito dos camaradas, deliberou aconselhar as classes a abandonar imediatamente o trabalho em todos aqueles jornais em que se pretendesse fazer inserir o documento.

Assim, o pessoal da redacção e revista de *O Século*, numa unanimidade admirável, era o primeiro a dar um grande exemplo de solidariedade, gesto que mais tarde era secundado pelo pessoal tipográfico, tendo sido quase simultaneamente imitado o belo gesto dos camaradas de *O Século* pelo pessoal das mesmas secções do *Diário de Notícias*, *Pátria*, *Vitória*, *Situação*, *Mundo*, *Manhã* e *Época*, isto é, todos os jornais da manhã que constituem o bloco das empresas jornalísticas.

Está, portanto, declarada a greve naqueles jornais, possível sendo que elas se estenda nos jornais da tarde que igualmente subscrevem a declaração das empresas.

Notas várias

A greve foi proclamada pouco depois da meia noite. Uma hora depois era enviada guarda republicana a guardar os edifícios dos jornais onde o movimento fôr proclamado.

E' possível que amanhã ou depois um conhecido jornalista realize num amplo salão de Lisboa uma conferência pública cujo tema será a seguinte: *Como se fazem os jornais*. A esta conferência outras se seguirão, também feitas por jornalistas.

Além de *A Batalha*, deve aparecer o *Jornal do Comércio*, cuja gerência tem negociações pendentes com a comissão executiva dos trabalhadores dos jornais.

Sabemos que vários homens de jornais estão diligenciando que o sr. Simão Laboreiro, director de *O Tempo*, que quando da última greve dos quadriptográficos, teve uma violenta discussão com os representantes das empresas ligadas, se solidarize com os seus adversários de ontem.

Quem mais se tem destacado nessas diligências é o sr. Luis Derouet, precisamente um dos elementos que mais vivamente atacou o sr. Simão Laboreiro.

Os distribuidores de jornais conviram todos os camaradas a comparecer à assembleia magna que se realiza hoje, na sede.

A comissão executiva reúne às 12 horas no local do costume.

Os trabalhadores dos jornais reunem hoje em sessão magna

A comissão executiva do movimento pro-aumento de salário dos trabalhado-

DEBATE DE OPINIÕES

Estratégia sindical

2º O nosso temperamento conforma-se com os processos de luta violentos?

Nós, os portugueses, revolucionários ou conservadores, somos todos anti-legalistas. Respeitam uma lei, boa ou má que seja, por causa que ainda não entrou nos nossos hábitos, é? E a lei? E todos encolhemos os ombros num gesto de desdém e de abandono e passamos adiante. Tanto isto é assim no tocante a governantes como a governados. Não ligamos nenhuma às leis. Reportamo-nos contra elas e há sempre uma alegre disposição em proceder for da lei.

Mas quando queremos passar destes simples desrespeito passivo pelas leis aos actos de violência extrema, à semelhança dos nossos colegas espanhóis, calmos é que mais fraca. No primeiro nota-se logo que o sofrimento moral e físico produziu mais estragos.

Nas greves operárias, nós temos seguido um caminho errado, querendo imitar os espanhóis — não sómos imitadores como macacos — quando há processos de luta de resultados mais prováveis que se coadunam perfeitamente com o nosso carácter pouco propenso a grandes aventureiros.

Três greves, nos últimos tempos — a dos operários da Construção Civil, a dos ferroviários do Sul e Sueste e a dos operários do Municipio de Lisboa — vieram demonstrar que nós não tínhamos ainda atinido com a nossa estratégia predileta: a greve dos braços caídos.

Este é que é o processo de luta que melhor se conforma com o nosso temperamento. *Faz que anda, mas não anda*, tal deve ser a palavra de ordem futuros movimentos grevistas.

Pois naquelas três greves a que acim fizemos referência não se notou erros de direcção. A persistência na luta, a disciplina, o espírito de dedicação e sacrifício revelam-se exuberantemente.

E entre tanto porque se perderam aquelas greves? E' que nós não prestamos para as batalhas campais e devemos por forma diferente que devemos triunfar nas campanhas futuras. *Faz que anda mas não anda*, eis a fórmula.

Já os empregados telegrafo-postais e os arsenais usaram com o mais lisonjeiro dos resultados. E assim deve ser doravante. Nada de batalhas campais. Passou-se trés dias aos tiros e no fim, quando toda a gente calcula os estragos e prejuízos numa enormidade, verifica-se que há 60 mortos e 200 feridos e quase todos os atingidos são estranhos a os acontecimentos, isto é, são apanhados por acaso.

As associações secretas para fazerem coisas tremendas? Ai o que eu me ri disto. Pois sómos um povo que vamos falar nas reuniões públicas da necessidade da organização secreta. E' cómico. Queremos passar por valentes quando não temos nenhum geito para isso. E em tudo se manifesta a brandu-

ra dos jornais convida as classes interessadas a reunirem hoje, pelas 18 horas, na sede da Associação dos Caixeiros, rua António Maria Cardoso.

Em Inglaterra

A crise de trabalho acentua-se mais

LONDRES, 17. — Continuam-se a receber de todos os centros industriais notícias alarmantes acerca da crise da falta de trabalho. Nos portos do Noroeste cada dia se desarmam novos navios e se despedem as tripulações ante a impossibilidade de encontrar arranjos. A este respeito a situação é particularmente séria em Hartlepool e nos portos da desembocadura do Tyne. De novo se suspende o trabalho nas minas do país de Gales. Em Bristol e em Gloucester a situação é análoga. Nada de batalhas campais. E' preciso utilizar as baionetas e as metralhadoras da guarda republicana, opondo-lhes o faz que anda mas não anda.

E não armemos em Quijotes para fazerem o que éramos. J. Carlos RATES

ra dos nossos costumes, nas greves contra os adversários. Dizemos todos ao adversário: *Faie, senão mato-te*. E quando está fôraldo nosso alcance, disparamos a pistola para demonstrar que sómos capazes de matar alguém.

Nas greves operárias, nós temos seguido um caminho errado, querendo imitar os espanhóis — não sómos imitadores como macacos — quando há processos de luta de resultados mais prováveis que se coadunam perfeitamente com o nosso carácter pouco propenso a grandes aventureiros.

Três greves, nos últimos tempos — a dos operários da Construção Civil, a dos ferroviários do Sul e Sueste e a dos operários do Municipio de Lisboa — vieram demonstrar que nós não tínhamos ainda atinido com a nossa estratégia predileta: a greve dos braços caídos.

Este é que é o processo de luta que melhor se conforma com o nosso temperamento. *Faz que anda, mas não anda*, tal deve ser a palavra de ordem futuros movimentos grevistas.

Pois naquelas três greves a que acim fizemos referência não se notou erros de direcção. A persistência na luta, a disciplina, o espírito de dedicação e sacrifício revelam-se exuberantemente.

E entre tanto porque se perderam aquelas greves? E' que nós não prestamos para as batalhas campais e devemos por forma diferente que devemos triunfar nas campanhas futuras. *Faz que anda mas não anda*, eis a fórmula.

Já os empregados telegrafo-postais e os arsenais usaram com o mais lisonjeiro dos resultados. E assim deve ser doravante. Nada de batalhas campais. Passou-se trés dias aos tiros e no fim, quando toda a gente calcula os estragos e prejuízos numa enormidade, verifica-se que há 60 mortos e 200 feridos e quase todos os atingidos são estranhos a os acontecimentos, isto é, são apanhados por acaso.

As associações secretas para fazerem coisas tremendas? Ai o que eu me ri disto. Pois sómos um povo que vamos falar nas reuniões públicas da necessidade da organização secreta. E' cómico. Queremos passar por valentes quando não temos nenhum geito para isso. E em tudo se manifesta a brandu-

ra dos jornais convida as classes interessadas a reunirem hoje, pelas 18 horas, na sede da Associação dos Caixeiros, rua António Maria Cardoso.

Em Inglaterra

A crise de trabalho acentua-se mais

LONDRES, 17. — Continuam-se a receber de todos os centros industriais notícias alarmantes acerca da crise da falta de trabalho. Nos portos do Noroeste cada dia se desarmam novos navios e se despedem as tripulações ante a impossibilidade de encontrar arranjos. A este respeito a situação é particularmente séria em Hartlepool e nos portos da desembocadura do Tyne. De novo se suspende o trabalho nas minas do país de Gales. Em Bristol e em Gloucester a situação é análoga. Nada de batalhas campais. E' preciso utilizar as baionetas e as metralhadoras da guarda republicana, opondo-lhes o faz que anda mas não anda.

E não armemos em Quijotes para fazerem o que éramos. J. Carlos RATES

CONFERENCIAS

A Universidade Popular Portuguesa — A Catedral de Blasco Ibáñez

Depois de ter falado, na sua última palestra, sobre a *Notre Dame*, de Hugo O Sonho, de Zola e a *Catedral* de Blasco Ibáñez, o sr. Câmara Reis falou ontem da *Catedral* de Blasco Ibáñez, notando a feição ao mesmo tempo pitoresca, douradaria e um pouco declamatória dessa obra.

Hugo escolheu a velha catedral de Paris, Zola fantasiou uma catedral de sonho, Huysmans evocou com um extraordinário poder artístico a Catedral de Chartres.

Ibáñez, podendo escolher entre tantas e tão belas catedrais da Espanha cristã, não tomou para scénario do seu íntimo e bem diferente e muito superior ao daques que o torturavam.

António Formigo tinha-nos fornecido belos elementos para confirmar o que vale a perspicácia, a sagacidade, a inteligência dos celebrados agentes, que a imprensa burguesa não se farta de elogiar.

Quantos desgraçados inocentes não se confessam criminosos à força de panca?

António Formigo tinha-nos fornecido

belos elementos para confirmar o que vale a perspicácia, a sagacidade, a inteligência dos celebrados agentes, que a imprensa burguesa não se farta de elogiar.

António Formigo tinha-nos fornecido

belos elementos para confirmar o que vale a perspicácia, a sagacidade, a inteligência dos celebrados agentes, que a imprensa burguesa não se farta de elogiar.

António Formigo tinha-nos fornecido

belos elementos para confirmar o que vale a perspicácia, a sagacidade, a inteligência dos celebrados agentes, que a imprensa burguesa não se farta de elogiar.

António Formigo tinha-nos fornecido

belos elementos para confirmar o que vale a perspicácia, a sagacidade, a inteligência dos celebrados agentes, que a imprensa burguesa não se farta de elogiar.

António Formigo tinha-nos fornecido

belos elementos para confirmar o que vale a perspicácia, a sagacidade, a inteligência dos celebrados agentes, que a imprensa burguesa não se farta de elogiar.

António Formigo tinha-nos fornecido

</

AQUILO É DELES...

Administradores privilegiados

São-no os da Caixa Geral dos Despósitos

Não é demais repisar o caso. Entrou um novo ano e continuam a passar-se as mesmas imoralidades na Caixa Geral dos Despósitos.

Já nos temos referido circunstancialmente ao assunto, havendo pôsto a

nú, em sucessivos artigos, os grossos escândalos daquele estabelecimento do Estado. Os estatistas sucedem-se os

estatistas e ninguém se decide a meter

na ordem os privilegiados da adminis-

tração com as suas situações imorali-

símas e ilegais.

Pela última lei das subvenções foram

estas concedidas a todos os funcionários

do Estado. Todos beneficiaram e

só os contratados da C. G. D. tiveram

exclusão pelo § único do artigo 9º. Os

autores da proeza foram os administra-

dores da Caixa, o sr. António Malhe-

iros, da Contabilidade Pública e do

Conselho Fiscal da Caixa, o sr. Júlio

Camacho, ministro das finanças de

então, e o sr. António Granjo, aquele

liberalíssimo presidente dum ministé-

rio passado...

Por outro lado, o artigo 22º da

mesma lei mandava levar à conta da

participação dos lucros do Estado na

Caixa a despesa com as subvenções ao

pessoal do quadro.

Consegue-se assim diminuir os inter-

esses do Estado e do tesouro (com

visão ao sr. Cunha Leal) em proveito

dos lucros da Caixa onde a administra-

ção, à sombra da autonomia dezen-

trista, a situação que tanto renegam,

tem a insignificância de 1ºº, e o con-

selho fiscal a que pertence o sr. António

Malheiro, tem 1/2ºº.

Quer dizer: meia dúzia de indivíduos

tem reservadas dezenas de contos de

reis, enquanto aos outros nada se lhes

deu.

DO MUNDO NOVO...

A RÚSSIA POR DENTRO

(DA "ROSTA-WIEN".

O anarquista Macno condenados pelos bolxevistas

MOSCÓVIA, 8.—O Tribunal revo-
lucionário de Konotop julgou por alta
máfia, o bandido contra-revolucioná-
rio Macno.

Um navio italiano atacado pelos ingleses

MOSCÓVIA, 8.—Em Novembro úl-
timo alguns navios britânicos atacaram
o vapor italiano *Antona* e meteram-no
no porto de Batume. Logo que o vapor
italiano esboçou querer fugir, foi per-
seguido e forçado a voltar para Ba-
tume.

Uma amnistia na Arménia soviética

MOSCÓVIA, 8.—O governo soviético para os delitos políticos e milita-
ria da Arménia decretou uma amnistia.

A luta contra o analfabetismo

MOSCÓVIA, 8.—Realiza-se em Mos-
cova um congresso de operários e cam-
poneses que se ocupam das condições
da luta contra o analfabetismo.

Tesoros de arte religiosa

MOSCÓVIA, 8.—Os tesouros de arte
religiosa enviados, no regime de Kerens-
ky, para Moscova, foram novamente
transportados para Petrogrado.

As importações russas

MOSCÓVIA, 8.—O *Económitchesk-
ia Shisn* escreve: «Na segunda quinzena de Novembro último, a cifra da im-
portação aumentou 29,5 % sobre a
primeira quinzena do mesmo mês. Im-
portou-se, principalmente, o seguinte:
viveres, 19.335 puds; couros, 5.962; car-
vão, 67.564; produtos químicos, 5.480;

Os camponeses de Moscova e os Sóvietes

MOSCÓVIA, 8.—O congresso dos Sóvietes que nos
dão a certeza de que a nossa agricultu-
ra, longe de estar destruída, desenvol-
ve-se há longo tempo uma nova forma
colectiva. Declaramos que somos pela
revolução comunista e pelo poder so-
vietista.

Gorki não sai da Rússia

RIGA, 8.—Madame Máximo Gorki
chegou a Riga vindas da Rússia. Ela con-
tou a um jornalista que o célebre
escritor russo está muito doente. Re-
cebe numerosos visitantes que o fatigam

Em quanto uns dansam

VARSÓVIA, 8.—Paderewsky que re-
presentava a Polónia na Assembleia de
Génova reclama de indemnização ao
Estado polaco 700.000 francos, uma
soma que equivale a 23 milhões de mar-
cos polacos, para pagamento de despe-
zes e de viagens. Como devem estar

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...